

APROXIMANDO A TRADUÇÃO E A COGNIÇÃO: TRAÇOS E PROTÓTIPOS

Elaine Cristina Pereira Dutra*

Resumo: O presente trabalho, baseado na nossa dissertação cujo nome é: “Tradução & Cognição: Interfaces”, pretende tratar do encontro de dois campos de estudo: a linguística e a psicologia. Pretendemos buscar o ponto de convergência, de justaposição no qual incluiremos os estudos da tradução, visando compreender os processos mentais que influem no trabalho do tradutor. Discutiremos a importância de compreender a linguagem como parte de um sistema social de escolhas, da figura do tradutor mais além do bilíngue, com capacidades e competências específicas, destacando e relacionando os processos cognitivos às suas atividades. O papel da psicologia cognitiva, da semântica cognitiva e da teoria do protótipo, para a tradução, pode ser entrelaçado à contribuição dos estudos de equivalência em tradução, com a menção de correspondências totais ou derivadas, ou dos estudos de literatura, com os rastros que permanecem em leituras e produções, realçando dessa forma, a presença de um elemento primordial e duradouro no intercâmbio sógnico.

Palavras-chave: Tradução. Cognição. Protótipo. Efeito prototípico.

Abstract: This paper, which is based on our thesis named: "Translation & Cognition: Interfaces", plans to discuss the connection of two fields of study: linguistics and psychology. We intend to find the point of convergence, which will include the juxtaposition of translation studies, to understand the mental processes that influence the work of the translator. We will discuss the importance of understanding the language as part of a system of social choices, the role of the translator being more than bilingual, with specific skills and abilities, and emphasizing cognitive processes relating to their activities. The role of cognitive psychology, cognitive semantics and prototype theory, the translation can be linked with the contribution of studies of equivalence in translation, mentioning derivative or total correspondences, or the study of literature with traces that remain on readings and productions, highlighting the presence of an essential and enduring element in the exchange of meaning.

Keywords: Translation. Cognition. Prototype. Prototype effect.

Introdução

O tradutor transita em diversos campos: publicidade, jornalismo, pintura, literatura, cinema, política, diplomacia nestes atuando como mediador: intra e extralinguas, como também intersignos, como afirmaria Roman Jakobson (1969). Os estudos da tradução ora abordam a história da tradução, as concepções de tradução, as técnicas, ora os problemas, as teorias... ainda existem as obras que buscam analisar e avaliar a formação do tradutor e os

* Mestra em Estudos Linguísticos, pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) - Departamento de Línguas e Letras. Vitória, ES, Brasil. E-mail: laflaca@ig.com.br. Orientação: Prof.ª Dr.ª Lilian Virginia Franklin DePaula.

processos mentais ao momento da tradução, enlaçando estas ações aos campos da psicologia, neurologia, linguística, filosofia, informática, etc... A atividade tradutória é, por tanto, bastante ampla para o ensino e a pesquisa. Pretendemos aqui considerar a interface entre os estudos da tradução e a cognição e estaremos, mais especificamente, examinando a tradução entre línguas distintas. Sabemos que o ser humano é sempre tradutor, pois cada etapa na comunicação envolve ora a tradução intralingua, a inter-semiótica ou, como é o caso aqui investigado, a interlingual.

Quem é o tradutor interlingual?

Ao pensar no trabalho do tradutor e nos caminhos de seu pensamento, devemos primeiro pensar em quem deve ser chamado tradutor. Todo ser humano é tradutor, mas nem todos possuem o conhecimento para efetuar, por exemplo, uma tradução entre línguas distintas. A tradução interlingual conceitua-se como “interpretação dos signos verbais por meio de alguma outra língua” (JAKOBSON, 1969). A trajetória histórica do tradutor interlingual é longa, e segundo Erwin Theodor (1976) surge desde o hermeneuta, ou seja, aquele que torna compreensível o considerado ininteligível, o que faz a ponte entre o divino e a linguagem humana, passando pelos tradutores egípcios que também se interpunham como mediadores das exigências e exortações como também dos pedidos e das súplicas. Platão apontava o poeta como servo e mediador da Divindade, cuja inspiração o faz falar em lugar da mesma. Susan Bassnett (2003), nos seus Estudos da Tradução, periodiza a história tradutiva da seguinte forma, cada tópico brevemente discutido em forma de pequenos capítulos que compõem o capítulo maior “História da tradução literária”: Os Romanos; A tradução da Bíblia; Educação e o Vernáculo; Primeiros teóricos; A renascença; Século XVII; Século XVIII; Romantismo; Pós-Romantismo; Os Vitorianos; Arcaizantes; Século XX. Verificamos dessa forma resumida, o perfil histórico da tradução, seja na produção de discursos (escritos, orais) seja na teoria e na crítica.

O tradutor, antes de tornar-se o que é, adquire e aprende línguas. Poderíamos citar alguns conceitos importantes para compreender sua constituição:

(1) Aquisição de 2ª língua: o ser humano adquire uma nova língua de maneira natural, sem esforço e sistematização formal (como ocorreu ao aprender sua língua materna).

(2) Aquisição de língua estrangeira: a pessoa a aprende num contexto institucional (uma escola ou centro de línguas) , quando já amadurecido o seu conhecimento da língua materna e possivelmente numa idade mais adulta, o que não impede (se necessário) o aprofundamento e prática desta LE, num outro contexto que favoreça o aumento da competência.

Sejam quais sejam os processos para aprendizagem ou aquisição de um tradutor, o importante é sua capacitação, seu aperfeiçoamento e entender melhor como isso ocorre. Um primeiro passo é entender certos pré-requisitos como, por exemplo, a competência tradutória, inserida num grande mosaico de competências. A competência para traduzir, relacionada à competência comunicativa, é um tema pouco estudado. Sobre esta última, parte da noção de língua como um sistema organizado que constroi e relaciona as realidades sociais, sobretudo tomando o texto como um exemplo primordial (unidades da língua em uso, um fenômeno social determinado por um contexto). Os componentes funcionais do nível semântico estarão no centro, formando redes de significados disponíveis às escolhas dos usuários. Desse modo, o texto traduzido não deverá ser visto sob uma ótica que transcende o conteúdo e sim como um elemento que configura significados multifuncionais. O conteúdo de uma língua deverá ser relacionado ao significado, que por sua vez é escolhido dentro de um entrelaçamento de opções. A eleição é feita com base numa fonte modeladora que permite não só a textualização, como também a re-textualização (tradução).

Hurtado Albir (2005), em artigo contido em Pagano et al (2005), diz ser necessário observar que os falantes que sabem línguas estrangeiras têm a competência comunicativa e não têm, necessariamente, a competência tradutória. O conhecimento especializado, palavra tomada de estudos da psicologia cognitiva e da pedagogia, é um termo que, quando relacionado à tradução, refere-se às capacidades de organizar os conhecimentos em estruturas sofisticadas e de aplicá-los na resolução de problemas. Esse é fruto de um processo de aprendizagem contínuo, constantemente reestruturado e imprescindível para a aprendizagem, por tratar, armazenar e recuperar informações às quais o tradutor está exposto. A competência tradutória seria composta por “conhecimentos linguísticos, textuais, temáticos, culturais, de documentação, capacidade de transferência” (HURTADO ALBIR, 2005, p. 23).

Modelo psicológico cognitivo e sua relação com a tradução

As operações mentais que estarão na tradução, serão: Introspecção; Abstração e Memória. A ação introspectiva, junto à abstração é um dos mais importantes fundamentos da estruturação e processamento da informação, tanto que, nos estudos tradutórios, usa-se a ação em foco como um recurso de observação do seguimento (protocolos de tradução) e como auxiliar na investigação do ensino e aprendizagem de segunda língua. Com relação à memória, observa Douglas Robinson (2002, p. 365): “o cérebro é um pragmático impiedoso”, o que for relevante e filtrado pelas bases da experiência é o que realmente vai ser interpretado, retido, organizado, tratado, comparado e integrado. Ele cita 02 tipos de memória: 1) Memória figurativa: que retém eventos específicos, como por exemplo, determinadas palavras. 2) Memória normativa: que ajuda a realizar ou desenvolver atividades de maneira imperceptível, como digitar um texto, operar com conhecimentos linguísticos, analíticos ou culturais.

A contiguidade e a frequência são a força motriz de que se serve a memória. Estes elementos funcionarão nas redes de conteúdos como ativadores de conexões recordando que: o processamento quer seja de inserção de conteúdo e/ou relação do mesmo aos já antigos (memória de longo prazo) é feito via abstração. A contiguidade é “o inter-relacionamento dos fatos” e a frequência “repetição e a intensidade com que registramos essas informações” (ALVES, 2000, p. 59). O tradutor deverá, portanto, estar atento aos seus pensamentos, mas também aberto para que emerjam as estratégias lógicas que lhe auxiliarão em dado momento. Por certo, não conseguirá superar todos os problemas em sua atividade de maneira tão linear e sequencial quanto se espera, mas é a maneira pela qual ele conseguirá adquirir e acumular experiências substanciais.

Outro aspecto importante se refere à memória semântica. O pensamento, uma espécie de instrumento manipulador de signos, está em constante busca e encontro de fontes de “armazenagem de conhecimento significativo que chamamos de memória semântica” (MAYER, 1981, p. 133). Esta, segundo o mesmo autor, é dividida em 02 tipos básicos: 1) Modelos de entrelaçamento: que se baseiam na associação de elementos da memória- associação que ultrapassa o conceito clássico por apontar variados tipos, por afirmar que as “unidades são ‘conceitos significativos’” e que as teorias são passíveis de testes. 2) Modelos de conjunto: tomando como base o de que lineamentos pertencentes a conjuntos que são próprios de outros conjuntos e assim sucessivamente, formando a memória.

É importante salientar que o conhecimento na mente humana estrutura-se hierarquicamente e a categorização como processo cognitivo é uma alternativa de dar

conformidade à informação, pois ela reflete a organização da estrutura informacional na memória semântica de uma pessoa sobre determinado assunto. Cada estrutura de conhecimento existe como objeto, ideia, evento, um grupo de atributos, que se liga a outra estrutura do conhecimento. À medida que aprendemos, apreendemos novas estruturas e ligações, adicionando informações às estruturas existentes, ou alterando essas estruturas através do processo de reestruturação.

O conhecimento pode ser estudado sob dois prismas: o da psicologia cognitiva clínica ou o da psicologia cognitiva do processamento da informação (metáfora computacional). O paradigma simbólico surgiu na década de 50 e pretendeu investigar a mente como um sistema de manipulação simbólica, considerando computacional “o modelo” de mente, o cérebro como uma máquina do tipo binário. O modelo que descrevia o funcionamento cerebral era o da utilização de redes de elementos. Já o paradigma sub-simbólico aponta a possibilidade de o sistema aprender (treinamento da rede a fornecer o melhor “output” possível) e de ser factível operar com dados incompletos (ativará “outras unidades de significado, de modo a produzir uma resposta completa”) (BORINI, 2002, p. 28). A premissa “*Mente e corpo não são duas entidades estanques*”, encontra-se com o 3º paradigma, o enacionista. Esses formam um todo que só podem separar-se por razões didáticas. “Nossa cognição é o resultado das nossas ações e das nossas capacidades sensório-motoras”. O enacionismo (ou enação) é o mecanismo pelo qual surge o mundo e a via de acesso para se fazer parte dele. Segundo Feltes (2007, p. 312), “novas configurações estruturais contínua e evolutivamente são geradas”. Mundo, corpo, linguagem e história não se separam. A inteligência é a maneira pela qual se ingressa em um mundo compartilhado e a comunicação será a maneira pela qual se pode modelá-lo. Observa-se que há uma ligação sistêmica entre mundo e linguagem, um não sobrevivendo sem o outro.

O papel do protótipo

Vejamos o papel dessas inter-relações na categorização, tão importantes para podermos entender o tratamento de conceitos/significados por parte dos tradutores e as diferentes escolhas dos mesmos. Eleanor Rosch (1976, 1980), antropóloga norte-americana, a partir de seus estudos observou que existem membros mais centrais (protótipos) e outros mais periféricos. Assim, o que determinará a estruturação de uma categoria é a variação da relevância em termos culturais, ao focar os atributos típicos. As pessoas, dentro de um contexto cultural e segundo suas capacidades cognitivas delimitarão (de maneira diferente,

por certo) a categorização. A autora destacou os três níveis de categorização: o superordenado, o de base e o subordinado. O de base seria o mais importante, também chamado protótipo: “no qual é possível formar uma imagem que represente toda a categoria” [...] “e também “o nível sobre o qual temos um maior número de informações” (conceitos elaborados por KOCH; CUNHA-LIMA, 2004, p. 276-277).

Atualmente sabemos que a ideia central de protótipo foi revista, como também um dos princípios básicos da versão padrão: de que as categorias se estruturam a partir do grau de semelhança dos seus elementos com o exemplar prototípico. E também foi melhor estudada a tese de que as fronteiras das categorias são difusas e a que equipara grau de representatividade de um exemplar ao grau de pertinência à categoria. O protótipo passa de causa para efeito, busca-se a distribuição da categoria que justifique o efeito prototípico. Os traços são necessários porque, para se pertencer a uma categoria é necessário que haja pelo menos um em comum com o protótipo e este traço não é necessariamente igual para os demais membros compartilharem. As categorias exibem efeitos de prototipicidade e também uma hierarquia interna e existe uma “flexibilidade na modelagem de fenômenos cognitivos”, que se trata de ter a capacidade de complementar os conceitos descritos via associação de propriedades novas aos conceitos básicos, abrindo-se a representação do conhecimento em esquemas que por sua vez se unirão a outros, em rede. Os limites entre uma e outra categoria são imprecisos, a ponto de um elemento poder pertencer a várias ao mesmo tempo.

A importância da remodelação da teoria do protótipo para o trabalho tradutivo é a de maior compreensão do tratamento dos conceitos. No nosso caso, especialmente, o modelo proposicional (um dos elementos da sua tipologia) relacionado ao efeito prototípico via feixe de traços e categoria radial, ajuda a entender as escolhas dos tradutores pesquisados por nós. Verificando a variabilidade e extensão dos significados de termos escolhidos por eles, temos uma exemplificação da fronteira imprecisa entre os níveis mais ou menos prototípicos. Por isso são chamados modelos, por servir de base de organização de “significação linguístico-conceitual”, na terminologia de Feltes (2007).

Com os exemplos seguintes, presentes em nosso trabalho, podemos demonstrar um pouco do que tratamos neste 3º tópico:

LÍNGUA FONTE:	LÍNGUA ALVO:
[...] insomne empedernida [...]	+ prototípico : insone obstinada
	± prototípico : insone incorrigível.
	- prototípico: não dorme, quase nada.
	- prototípico: tinha problema de insônia.
<i>Estrangeiros:</i>	<i>Ø Não prototípico: mulher boazinha e teimosa.</i>
	<i>Ø - 02 entrevistados não traduziram.</i>

Os dois primeiros elementos pertencem a uma mesma categoria: nome + adjetivo, tendo semelhanças semânticas, ficando próximos ao protótipo. Os demais, que são orações soltas, explicam o termo *insomne*, no entanto só enfatizam o grau do problema no primeiro caso, o que se omite no segundo. O traço que une a todos é o *insone*, o do não-dormir, é o que aproxima a todos do protótipo. A idéia total deste é a força, a persistência da insônia.

LÍNGUA FONTE:	LÍNGUA ALVO:
[...] niña de tres años [...]	[...] filha de três anos [...] (2 ocorrências) + prototípico.
	[...] filha que tem três anos [...] + prototípico.
+ 02 ocorrências de estrangeiros:	[...] menina de três anos [...] ± prototípico.
<i>Estrangeiro:</i>	[...] sua criança de 3 anos [...] ± prototípico

É importante salientar o tratamento dado ao termo *niña*, que no contexto desta tradução, terá uma centralidade relacionada a parente. A relação que estabelece é esta, desdobrando-se em *menina*, que será neste caso um termo intermediário, pois tanto será a tradução literal e (mais usada) para designar *criança do sexo feminino* como será a maneira coloquial e familiar de designar *filha*. A palavra mais próxima no significado na intenção do autor, nos parece, é a primeira, a de parente.

LÍNGUA FONTE:	LÍNGUA ALVO:
[...] amenazada con la pistola [...]	[...] ameaçada com a pistola (3 ocorrências de professores brasileiros, 02 ocorrências de professores estrangeiros) ± prototípico.
	[...] ameaçada com a arma + prototípico .
<i>Professor estrangeiro.</i>	[...] <i>ameaçada com o revólver + prototípico.</i>

Neste caso, levados pela literalidade, os tradutores foram ao nível mais subordinado, tipo de arma. Como não se mencionou calibre, marca ou funcionamento, não se classificou num nível menos próximo do central.

O encontro das teorias da tradução com a teoria do efeito prototípico

Ao lermos Rodrigues (2000), obtivemos informações sobre o trabalho de Gideon Toury, que no seu livro *In search of a theory of translation* (1980), tratou a tradução como um processo que envolve operações de transferência entre entidades semióticas (entendidas como signo, orações, textos, mensagens, “modelos institucionalizados”) que pertencem a sistemas diferentes. A tradução sugere o “transporte de traços” entre línguas, sendo que estes contêm elementos estáveis e invariáveis nesta transposição. A preservação dos mesmos será em um ou mais níveis, embora possam acontecer resultados diferentes no processo, o “algo em comum” permanecerá: o traço chamado de “invariante de comparação”, que é considerado um parâmetro para a análise das traduções, a fim de observar as normas que as moldaram e se estariam mais ou menos próximas dos pólos: Língua-fonte ou Língua-alvo. O primeiro seria considerado “adequado” e o segundo, “aceitável”. Há o reconhecimento, desta forma, da existência de uma ampla gama de variações e relações tradutórias. São mencionados parâmetros como a equivalência máxima (“ideal”, “exemplar”) e mínima (“limiar de tradução”), dois conceitos abstratos. O que nos remeterá à teoria do protótipo, ainda que Toury relacione a possibilidade da traduzibilidade máxima a uma substância essencial do texto que seria idealmente perfeita, sem nenhuma intervenção ou imperfeição. Por outro lado, o que o autor parece não considerar essencial é que as traduções sejam um espelho do ideal,

reconhecendo os diversos tipos e graus de equivalência entre textos, a relatividade de que pode ser revestida a relevância.

Também citado por Rodrigues (2000), Jacques Derrida (1972) postula a necessidade de se substituir o conceito “tradução” pelo de “transformação”, resultado da articulação entre significado e significante, produzindo o sentido. A partir de tal visão, haverá a contextualização dos significantes a partir do trabalho do tradutor e de sua leitura, haverá uma nova produção, uma transformação. Podemos relacioná-la ao efeito prototípico, um sistema cujas fronteiras não são nitidamente definidas, dependente da noção da leitura que por sua vez remete a traços que unem os elementos em foco, dentro de uma cadeia que é constantemente transformada. A ancoragem via leitura e escritura é algo complexo, no “mar” flexível cuja densidade informativa e estabilidade estrutural são julgados e processados de maneiras diferentes. Porém o traço, também chamado rastro (trace) é o que ligará a outros elementos, os próprios textos serão chamados de “cadeias e sistemas de rastros”, que dialogarão uns com os outros no processo de significação. O traço ou rastro é, ao nosso ver, o protótipo ou o seu efeito, um conjunto de propriedades que flui ou parece fluir de uma maneira uniforme entre as leituras e classificações. Também devemos observar que: “Não há termos plenos, fechados em uma estrutura estática, taxonômica ou a-histórica” (RODRIGUES, 2000, p. 198), no ponto de vista do autor francês, o que reforça a importância do contexto na organização prototípica.

Conclusão

O que acontece na tradução não é transferência e sim transformação via tradutor, leitor ou ambos. Um acréscimo, uma substituição que se produzirá e reproduzirá de alguma forma o original. Será a continuação da existência de um texto, a reprodução de seus significados, transportados pelos filtros da criatividade e interpretação. No entanto, algo permanecerá, algum resquício que serve de ponte entre o antes e o depois, o anterior e o posterior, a língua fonte e a língua alvo: o efeito do protótipo, sua presença que é percebida nas leituras, revisões e reedições, nas traduções inter e intralinguas. A dimensão onomasiológica do protótipo é parâmetro para a tradução e demanda mais estudos para uma compreensão maior da atividade do tradutor.

Referências bibliográficas

- ALVES, Fábio. Estratégias de busca de subsídios internos. Memória e mecanismos inferenciais. In: PAGANO, Adriana; MAGALHÃES, Célia; ALVES, Fábio (Org.). *Traduzir com autonomia: estratégias para o tradutor em formação*. São Paulo: Contexto, 2000. p. 57-70.
- BASSNETT, Susan. *Estudos de tradução. Fundamentos de uma disciplina*. 4. ed. Tradução de Vivina de Campos Figueiredo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.
- BORONI, Adair. *Gêneros textuais e cognição – um estudo sobre a organização cognitiva da identidade dos textos*. Florianópolis: Insular, 2002.
- FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. *Semântica cognitiva: ilhas, pontes e teias*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e comunicação*. 2. ed. Tradução de Isidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1969.
- KOCH, Ingedore Villaça; CUNHA-LIMA, Maria Luiza. *Do cognitivismo ao sociocognitivismo*. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*, v. 3. São Paulo: Cortez Editora, 2004.
- MAYER, Richard E. *Cognição e aprendizagem humana*. Tradução de Luiz Roberto S. S. Malta. São Paulo: Cultrix, 1981.
- PAGANO, Adriana; MAGALHÃES, Célia; ALVES, Fábio (Org.). *Competência em tradução. Cognição e discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- ROBINSON, Douglas. *Construindo o tradutor*. Tradução de Jussara Simões. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- RODRIGUES, Cristina Carneiro. *Tradução e diferença*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- THEODOR, Erwin. *Tradução: ofício e arte*. São Paulo: Cultrix, 1976.